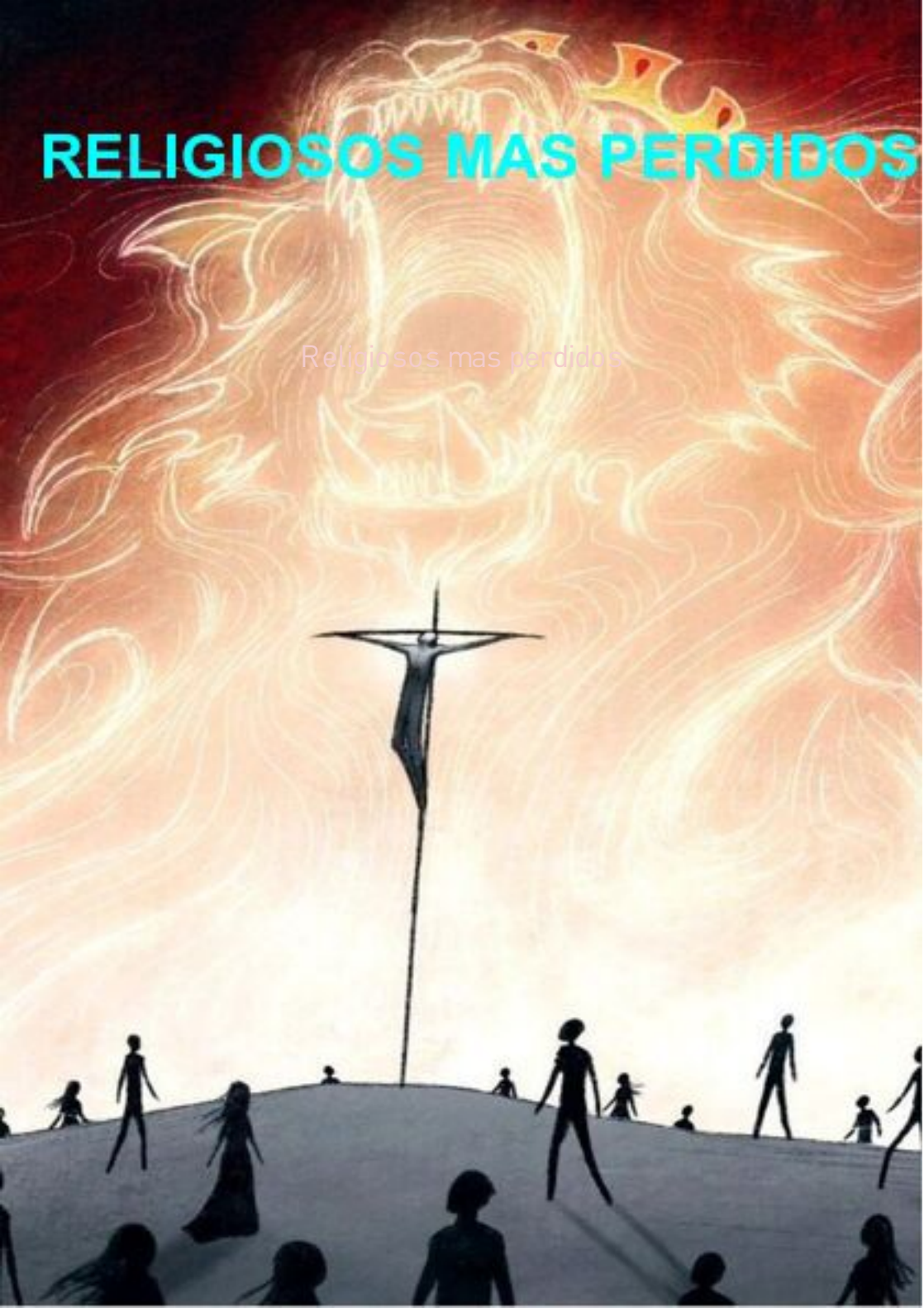
RELIGIOSOS MAS PERDIDOS

Religiosos mas perdidos



Religiosos, Mas Perdidos "

Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim." Marcos 7:6

Existe uma diferença profunda entre conhecer a religião e conhecer a Deus.

Essa diferença nem sempre é visível, porque a religiosidade consegue produzir uma aparência impecável.

Ela organiza comportamentos, aperfeiçoa discursos, cria tradições e estabelece regras.
No entanto, nada disso garante que o coração tenha sido alcançado pela verdade.
Foi justamente essa tensão que Jesus expôs durante todo o seu ministério.

Os homens mais religiosos de sua época eram também aqueles que mais resistiam à sua presença.

Sabiam interpretar a Lei, citavam as Escrituras de memória, ocupavam posições de autoridade espiritual e eram reconhecidos pelo povo como modelos de piedade.

Ainda assim, não reconheceram o próprio Messias quando Ele esteve diante deles.

O problema não era falta de conhecimento, mas excesso de confiança em si mesmos.

A religião havia se tornado um fim,
e não um caminho para Deus.

Há uma ironia desconcertante nessa narrativa.

Quanto mais aqueles líderes acreditavam enxergar, mais cegos se tornavam.

A certeza de que estavam certos os impediu de serem ensinados.

Eles esperavam um Deus que confirmasse suas convicções, mas encontraram um Deus que confrontava seus interesses.

Em vez de permitirem que a verdade transformasse suas vidas, tentaram moldar a verdade aos seus próprios sistemas.

Esse perigo não pertence apenas ao primeiro século.

Ele continua presente sempre que a fé é reduzida a costumes, quando a espiritualidade é medida apenas por práticas externas ou quando a preocupação em parecer santo supera o desejo de ser transformado.

É possível frequentar templos, conhecer doutrinas, defender princípios e, ainda assim, permanecer distante daquele sobre quem tudo isso fala.

Jesus nunca criticou a obediência sincera.

O que Ele denunciou foi uma religião que preservava rituais enquanto perdia o coração.

Para Ele, o maior problema não era a ausência de atividades religiosas, mas a ausência de relacionamento.

Afinal, uma vida pode estar cheia de referências a Deus e, paradoxalmente, vazia da presença de Deus.

Talvez essa seja uma das advertências mais relevantes dos Evangelhos:
o maior risco para a fé nem sempre é o ateísmo,
mas a ilusão de pensar que conhecer sobre Deus é o mesmo que caminhar com Deus.

Quando a tradição ocupa o lugar da verdade, quando o orgulho substitui a humildade e quando a aparência se torna mais importante do que a transformação, a religião deixa de aproximar e passa a afastar.

Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas!
Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens; vocês mesmos não entram, nem deixam entrar os que gostariam de entrar." Mateus 23:13

Há uma ironia inquietante nos Evangelhos:
Jesus nunca encontrou tanta resistência entre os pecadores quanto entre os especialistas em Deus.
Prostitutas o ouviam.

Publicanos mudavam de vida. Pescadores abandonavam tudo para segui-lo.
Já os homens que dedicaram a existência ao estudo das Escrituras foram, em grande parte, incapazes de reconhecê-lo. Isso deveria nos causar desconforto.

Afinal, como alguém pode conhecer tanto sobre Deus e, ao mesmo tempo, não perceber Deus quando Ele está à sua frente?

Talvez porque informação religiosa não seja sinônimo de percepção espiritual.

O conhecimento pode iluminar a mente e, paradoxalmente, escurecer o coração quando produz autossuficiência.

Quanto mais certos aqueles homens estavam de suas conclusões, menos espaço havia para serem surpreendidos por Deus.

Esse fenômeno continua acontecendo. Existe uma forma de religiosidade que transforma Deus em objeto de estudo, mas nunca em presença.

Ela disseca textos, organiza doutrinas, vence debates e constrói sistemas impecáveis.

No entanto, perde a capacidade de se maravilhar.
Tudo precisa caber na lógica do grupo, na tradição da igreja, na interpretação favorita.
Quando Deus rompe essas fronteiras, passa a ser tratado como ameaça.

É curioso perceber que Jesus nunca entrou em conflito com quem tinha dúvidas.

Seu conflito sempre foi com quem acreditava não precisar mais perguntar.

O cantor Zé Bruno frequentemente provoca essa reflexão ao dizer que o cristianismo corre perigo quando substitui o encontro por uma performance religiosa.

Essa observação não é uma crítica à fé, mas à facilidade com que transformamos a experiência com Cristo em um sistema de pertencimento.

Quando isso acontece, a identidade deixa de estar em Jesus e passa a estar na tribo, na placa da igreja ou na necessidade de estar certo.

Talvez seja por isso que Jesus tenha dito que as crianças compreendiam o Reino melhor do que muitos mestres.

Não porque fossem mais inteligentes, mas porque ainda sabiam receber.

O excesso de certezas pode tornar alguém impermeável à verdade.

Na minha leitura dos Evangelhos, o oposto da fé não é a dúvida.

É a autossuficiência espiritual.

A dúvida ainda procura; o orgulhoso já decidiu que encontrou.

E quem acredita possuir Deus completamente talvez seja justamente quem menos está disposto a ouvi-lo.

O perigo nunca foi entrar na igreja.

O perigo é imaginar que estar perto das coisas de Deus significa, automaticamente, estar perto de Deus.

Os fariseus estavam a poucos metros de Jesus e, ainda assim, permaneceram infinitamente distantes dele.

No fim, talvez a pergunta mais desconcertante dos Evangelhos não seja "Quem é Jesus?",
mas "É possível passar a vida inteira falando sobre Deus e, ainda assim, nunca conhecê-lo?"

Jesus parece responder que sim.

E isso deveria produzir em todos nós menos arrogância, menos certezas absolutas e muito mais humildade.

"Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor." (Oséias 6:3)

Deus Abençoe,

Eva Sousa

07/2026